



Carta do VI Seminário Quilombação

Derrotar o neoliberalismo miliciano, em defesa da vida e da dignidade do povo negro

Os ativistas antirracistas reunidos em São Paulo no VI Seminário da Rede Quilombação manifestam coletivamente à sociedade o que se segue

1 – O Brasil passa por um momento em que o atual governo direciona suas ações para instituição de um Estado autoritário baseado na lógica punitivista combinado com um modelo ultraliberal em que a economia se concentre apenas na produção e exportação de commodities e a reprodução de riquezas se dê com base no capital especulativo e rentista.

2 – O ministro da Justiça, Sérgio Moro, é o principal artífice da construção da lógica punitivista no Estado brasileiro. A partir da sua experiência como juiz da Operação Lava-Jato em que partidizou o judiciário e implantou uma lógica inquisitória na condução dos processos, atropelando todos os ritos normativos da tradição judiciária brasileira, alçado à condição de ministro passou a implantar esta experiência como modelo institucional. Aparelhou a Polícia Federal que tem atuado como uma “polícia política” em defesa do governo, como foi no caso da operação que intimidou o porteiro que, em depoimento, envolveu o presidente Jair Bolsonaro no caso do assassinato da vereadora Marielle Franco. O mesmo ocorreu no caso dos hackers de Araraquara no caso das mensagens que foram divulgadas pelo site The Intercept. E o pacote supostamente “anticrime” recém aprovado no Congresso estabelece novos marcos regulatórios que institucionalizam este modelo punitivista, ainda que ele tenha sido desidratado pelos parlamentares: aumenta o tempo máximo de prisão de 30 para 40 anos, endurece as condições para a progressão da pena, entre outros. A divulgação nas redes sociais de sua imagem com uma escultura feita de munição é uma expressão simbólica do significado político desta figura.

3 – O ministro Paulo Guedes, aproveitando do consenso das classes dominantes e da mídia hegemônica, consegue implantar rapidamente as medidas de desregulação da economia, de retirada dos direitos trabalhistas e previdenciários, de submissão total aos interesses do capital rentista e transnacional. A explosão recente do aumento do preço da carne, o atrelamento do preço dos derivados de petróleo as variações de preço internacional e do câmbio, entre outros são as consequências mais sentidas pela população no seu cotidiano. O desemprego crescente é maquiado com o crescimento exponencial do mercado “informal”, como motoboys, motoristas de aplicativos como Uber, ambulantes – que chegam a trabalhar de 12 a 15 horas por dia, todos os dias da semana com renda média que não chega a dois salários mínimos em uma cidade como São Paulo.

4 – Em toda a América Latina, governos de direita que aplicaram projetos semelhantes sofrem com protestos populares, como no Chile, Colômbia, Equador, Haiti. Na Argentina, a população elegeu um presidente de oposição, pondo fim a era dos conservadores. No Chile, os protestos populares forçaram o governo de direita a rever medidas impopulares e convocar uma Constituinte. Na Colômbia, o governo foi forçado a negociar com lideranças da greve geral.

5 – Neste cenário, o genocídio da população negra se intensifica. Os jovens negros e negras dos morros do Rio de Janeiro continuam sitiados por tropas de segurança estimuladas a matarem impunemente por um governador que tem traços nitidamente genocidas. Em São Paulo, o genocídio teve mais um capítulo trágico com o assassinato de nove jovens em um baile funk no bairro de Paraisópolis em uma



operação assassina da Polícia Militar. Parlamentares de direita em parlamentos estaduais e federais pressionam por medidas que legalizam estas ações. A criminalização do funk é uma retomada farsesca da criminalização das expressões negras que havia no início do século XX, como o samba e a capoeira. Também o racismo religioso praticado por organizações que se denominam como neopentecostais em aliança com grupos milicianos no Rio de Janeiro expulsam violentamente sacerdotisas e sacerdotes e suas casas sagradas das periferias.

6 – O lema da Rede Quilombação “a democracia não chegou na periferia” nunca esteve tão atual e, mais que isto, radicalizado. Podemos dizer que o “fascismo está na periferia” – as ameaças de reinstauração do AI5 feitas por próceres do governo já é uma realidade nos territórios periféricos que vivem com prisões ilegais, execuções extrajudiciais e invasões de domicílios sem mandados. O mais grave é que tais ações estão sendo legitimadas pelos ocupantes atuais dos poderes e sua institucionalização/legalização está no horizonte político do atual governo.

7 – Por isto, para nós, o racismo se manifesta na negação de futuro para as vidas dos jovens negras e negros nas periferias, para as mulheres negras, para os trabalhadores negras e negros submetidos a este cenário brutal de desemprego e subemprego. O racismo se manifesta na fome que atinge mais e mais famílias desamparadas com os cortes nos programas sociais. No sucateamento da educação e da saúde, na falta de moradia digna e agora com o risco de piorar o já difícil quadro do saneamento básico com a aprovação da privatização destes serviços. O racismo se manifesta na ameaça as terras quilombolas com o avanço do agronegócio e o esvaziamento das instituições responsáveis pela sua proteção e promoção.

8 – E, finalmente, o racismo se legitima com o avanço das narrativas e práticas racistas com o empoderamento de grupos e pessoas racistas. O aumento de narrativas racistas nos programas midiáticos, como no SBT, nas redes sociais, os casos graves de agressão racista como as que ocorreram em Belo Horizonte contra um taxista, e em Bauru, contra um professor universitário, tendem a crescer em um ambiente político como este.

9 – Por isto, a Rede Quilombação considera fundamental fortalecer todos os espaços unitários onde negras e negros possam levar estas bandeiras, como a Rede de Resistência e Proteção ao Genocídio, a Marcha de Mulheres Negras, a Convergência Negra e a Coalizão Negra por Direitos.

10 – Além disto, no ano de 2020, haverá eleições municipais. Este debate deverá ser posto. Não é possível construir uma democracia excluindo 54% da população brasileira. A pauta do combate ao genocídio, da construção de um futuro digno para as famílias negras deve ser o horizonte político deste debate eleitoral. Defendemos que o movimento negro construa uma **agenda programática unitária** a ser apresentada a todos os candidatos e candidatas a cargos proporcionais e majoritários, em especial negras e negros, nas eleições municipais de 2020. Mantendo a sua linha suprapartidária, a Rede Quilombação não apoiará partido ou candidato “x” ou “y” mas indica apoio a todos os candidatos que se coloquem como de oposição as forças que sustentam o governo Bolsonaro. Nosso lema é “derrotar o neoliberalismo miliciano, em defesa da vida e da dignidade do povo negro”.

**A DEMOCRACIA NÃO CHEGOU NA PERIFERIA E PRECISA CHEGAR!
MARIELLE VIVE!**

São Paulo, 13 de dezembro de 2019
Rede Quilombação